

**A AFRODESCENDÊNCIA E O IMAGINÁRIO PÓS-COLONIAL NA  
ARGENTINA EM *COISA DE NEGROS*, DE WASHINGTON CUCURTO**

Shagaly Damiana Araujo Ferreira<sup>1</sup>  
Florentina da Silva Souza<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta reflexões desenvolvidas no projeto de mestrado *Coisa de Negros: A afrodescendência em Washington Cucurto*, que objetiva analisar as representações de afrodescendência na Argentina contemporânea contidas no livro *Coisa de Negros*, de Washington Cucurto, com vistas a verificar na literatura hodierna a presença de discursos formatados com o fim do regime colonial, que favoreceram, sobretudo, a difusão do mito de “Argentina branca”. É possível observar que a obra cucurtiana apresenta-se como exemplo de produção contemporânea que se utiliza de elementos que corroboram o imaginário de branquitude argentina, além de relacionar a afrodescendência aos estigmas depreciativos caros às políticas pós-coloniais do país e às de outros territórios da América Latina atravessados pelo processo diaspórico africano.

**Palavras-chave:** literatura argentina, representações de afrodescendência, pós-colonialismo.

Apresento, neste texto, um breve panorama das pesquisas em estágio inicial realizadas para o projeto de mestrado em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia intitulado *Coisa de Negros: A afrodescendência em Washington Cucurto*, em que me proponho a analisar as imagens e representações de afrodescendência presentes no livro *Coisa de Negros*<sup>3</sup>, publicado no Brasil em 2007 pelo escritor argentino Washington Cucurto, e investigar o trânsito, nessas representações, dos discursos contemporâneos sobre o negro na Argentina, muitos deles forjados com o fim do período colonial, durante os projetos de constituição da nação.

<sup>1</sup> Estudante do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Bolsista de mestrado CNPq. Email: shagaly.araujo@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora doutora - Universidade Federal da Bahia. CNPq. Email: florenss@ufba.br

<sup>3</sup> O livro foi publicado na Argentina com o título *Cosa de Negros*, em 2003, sendo traduzido e publicado em português em 2007.



Para tanto, me interessam questões a respeito da complexa discussão sobre os temas de afrodescendência no país, os desdobramentos históricos das trajetórias dos ex-escravizados, além das reflexões hodiernas sobre o sujeito afro-argentino neste território. Além disso, é relevante refletir também sobre como a literatura contemporânea reúne resquícios de discursos consagrados historicamente tão importantes para consagrar matrizes idealizadas de cultura e de poder.

É importante, durante estas primeiras explanações, expor em quais circunstâncias este projeto de mestrado começou a ser formatado. Desse modo, devo então trazer aqui a minha participação nas atividades e discussões quinzenais do projeto *EtniCidades: escritoras/es e intelectuais afro-latinas/os*, no qual ingressei em 2010, época em que o mesmo ainda se chamava *EtniCidades: escritoras/es e intelectuais negros no Brasil*. Neste espaço, que já possuía uma base consolidada de pesquisas no campo da literatura afro-brasileira, pude adentrar uma área ainda pouco explorada nos estudos acadêmicos: a da investigação, catalogação, discussão e análise de produções textuais de indivíduos afro-latinos, mais precisamente as produções literárias construídas no espaço da América Latina que versam sobre as questões de afrodescendência.

Diante dessa mudança de perspectiva do projeto (expansão do Brasil para espaço mais amplo da América Latina), coube aos pesquisadores focarem suas atenções para além das fronteiras até então já conhecidas. Entre minhas pesquisas, em busca de um novo objeto de trabalho, deparei-me com a curiosa e instigante capa do livro *Coisa de Negros*, do escritor argentino Washington Cucurto, e logo me interessei pelo que havia naquele conteúdo e, mais ainda, por quais coisas aquele autor estaria elencando como inerentes aos negros, embora a leitura da imagem da capa já me permitisse algumas inferências<sup>4</sup>.

Contudo, para além das questões sobre afrodescendência que estariam colocadas no livro, me interessava saber em qual estágio, por assim dizer, andariam as discussões sobre essa temática na Argentina. É sabido que as narrativas nacionais<sup>5</sup>, nas quais são

---

<sup>4</sup> Na capa do livro, aparece a imagem de um homem negro tendo relações sexuais com uma mulher branca – da qual, só as pernas estão visíveis –, atrás de um arbusto. O título do livro é marcado por uma tarja preta.

<sup>5</sup> Compreendo aqui o termo “narrativa nacional” na acepção de Stuart Hall (2006, p. 52), segundo o qual: “(...) há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias.

tematizadas as experiências do processo diáspórico africano, reverberam diversas histórias culturalmente imaginadas e construídas nos territórios onde circulam. No heterogêneo espaço convencionalmente denominado latino-americano, em que se encontram países outrora marcados por regimes colonialistas, o ideário de afrodescendência perpassa questões constituídas discursivamente, nas quais as concepções do “ser negro” alocam-se em distintos lugares. Nessa perspectiva, surpreendeu-me o modo como, diferentemente de outros países da América Latina também atravessados pelas agruras da diáspora forçada de africanos em seus territórios, a Argentina conseguia diluir discussões sobre o lugar do sujeito afro-argentino, simplesmente colocando-o em um não-lugar.

A Argentina, historicamente, tem sustentado o discurso ou mito de branquitude populacional, como resultado de uma política de embranquecimento pós-colonial desenvolvida por filósofos, historiadores e intelectuais argentinos, no início do século XIX, alicerçada na construção discursiva de superioridade europeia. Tais indivíduos ancoraram-se em outros fatores que favoreceram a diminuição da comunidade afro-argentina, que seriam, conforme Andrews (1989, p. 10-11): i) a abolição do tráfico de escravizados em 1813; ii) as baixas taxas de natalidade e as altas taxas de mortalidade de afro-argentinos, na primeira metade do século XIX; iii) a chamada mestiçagem racial; iv) e a morte em larga escala de soldados afro-argentinos na guerra do Paraguai (1870-1894).

No início do século XIX, favorecidos pelos fatores acima elencados, tais indivíduos se empenharam em instaurar uma espécie de *cultura de embranquecimento*. Desse modo, eles relacionavam a ideia de progresso ao indivíduo branco, e, desejosos de imprimir na Argentina o modelo cultural e populacional da Europa, colocavam-se como entusiastas da mescla racial, que garantiria, nas palavras de Andrews (1989, p. 124), “o melhoramento indefinido da espécie humana”. Tais fatores apresentavam-se como grandes aliados para a construção exitosa de um imaginário de “Argentina branca”.

Nos territórios afetados pelo regime colonial, as políticas que buscaram forjar uma ideia de nação comumente se utilizaram de discursos que se empenharam em

---

imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos, e os desastres que dão sentido à nação [grifo do autor]”.

unificar cultura e populações ideais, estruturadas em valores gerenciados por uma hegemonia formada pelos atores do poder colonial. A afrodescendência, neste contexto, como consequência das migrações diaspóricas dos negros africanos, funcionava como um problema, uma vez que a presença da alteridade não poderia, no imaginário da nação ideal, coexistir, sem conflitos, com a unidade. Como pontua Hall (2006, p. 59), “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

Os produtores dos discursos que buscaram construir uma ideia de nação unificada, como no caso da Argentina, tiveram como aliadas certas teorias científicas que atestavam a existência e a hierarquização de raças. Tais ideias foram significativas para a elaboração das políticas de embranquecimento populacional, diante da eleição da cultura e população europeias como superiores, situação que parece aludir às noções de biopoder ou biopolítica apresentados por Michel Foucault, em que o autor mostra aspectos de como funciona o discurso racista:

(...) o racismo vai permitir estabelecer, entre a minha vida e a do outro, uma relação que não é uma relação militar e guerreira de enfrentamento, mas uma relação do tipo biológico: “quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mas eu – não enquanto indivíduo, mas enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar”. A morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 2000, p. 305).

A afrodescendência na Argentina pós-colonial foi decantada como um problema a ser eliminado física e discursivamente, tanto no que tange ao favorecimento da morte em larga escala dos negros ali ainda presentes, quanto no que se refere à eliminação de afrodescendentes pelo discurso categórico da não existência desses indivíduos em solo Argentino, em uma tentativa – exitosa, ao que parece – de constituição de um mito de branquitude que prega

(...) a existência de “uma narrativa dominante da nação” que, ao invés das vigentes em outros países latino-americanos, não glorifica a mestiçagem, mas a brancura. (...) as “narrativas dominantes” fornecem uma identidade racial essencializada, estabelecem as fronteiras

externas das nações e de sua composição interna e proprõem o ordenamento correto de seus elementos constitutivos (em termos de etnia, religião e gênero). Justificam o presente enquanto constroem um passado legitimador (FRIGERIO & LAMBORGHINI, 2009, p. 156).

Para além dessas narrativas dominantes, os estudiosos do tema na contemporaneidade fazem leituras diferenciadas acerca da inexistência de afrodescendentes na Argentina. George Andrews e Alejandro Frigerio, como no trecho citado, por exemplo, afirmam que a ausência quantitativa de afro-argentinos situa-se muito mais no plano discursivo do que em uma realidade concreta e observável.

No livro *Cultura Negra en el Cono Sur: Representaciones en Conflicto*, Frigerio elenca, discute e questiona uma série de estudos em que são trazidos os discursos sobre a afrodescendência na Argentina consolidados por escritores e historiadores em diferentes épocas, escritos estes que vem sustentando de forma categórica o argumento de que é escassa ou quase nula presença do negro em seu território. Cabe ressaltar que estudos que problematizam e tentam desconstruir esse imaginário de branquitude no ambiente acadêmico ainda são poucos<sup>6</sup>, e tentam se consolidar diante de uma realidade em que afro-argentinos ainda precisam provar sua existência.

É nesse espaço complexo e discutível de narrativas e contranarrativas de afrodescendência que está inserida a obra *Coisa de Negros*, de Washington Cucurto. Nascido no bairro de Quilmes – Buenos Aires, em 1973, o autor em questão chama-se Santiago Vega, entretanto, adota o pseudônimo mencionado, inspirado em um escritor dominicano da década de 70. Dentre as publicações cucurtianas, destacam-se *Zelarayan* (poesia; 1998), *La Máquina de Hacer Paraguayitos* (poesia; 1999), além do livro em prosa objeto deste estudo, que projetou o escritor para a o cenário literário da América Latina.

*Coisa de Negros* divide-se em dois capítulos intitulados “Noites Vazias” e “Coisa de Negros”. Ambos versam sobre o universo da cumbia e seus bastidores, em

---

6 Alejandro Frigerio (2006, p. 78) fala da escassez de estudos sobre o tema: “Un análisis de este tipo permite ver las similitudes con otros países latinoamericanos y disminuye bastante una supuesta 'excepcionalidad' argentina respecto del tema racial. A diferencia de lo que sucede en otras sociedades de nuestro continente este no ha sido un tema habitual de reflexión académica en La Argentina (...)”. Corroborar a mesma afirmativa, a pesquisadora Leticia Maronese (2006, p. 17): “(...) un tema ausente en la investigación académica en La Argentina: las clasificaciones raciales y su lógica”.

uma narrativa de cunho documental, irônico e erótico. O primeiro capítulo relata a vida do paraguaio Eugênio, e no segundo, por sua vez, encontram-se histórias do personagem Washington Cucurto, um músico dominicano. A maior parte dos personagens é descrita pelo autor como negra, inclusive os personagens principais, cujas trajetórias ambientalizam-se na Argentina.

Alguns pontos presentes no livro valem para se pensar como as questões de afrodescendência cristalizadas na Argentina atravessam a narrativa, permitindo que sejam traçadas algumas reflexões interessantes. Primeiramente, vale pensar no título do livro, que sugere, de forma reducionista e essencialista, que a narrativa elenca elementos constitutivos do que se imagina como o conjunto de “coisas” inerentes aos negros. É possível observar, com a leitura da narrativa, que as características que compõem os personagens, para citar questões mais amplas, dão conta de indivíduos dados ao alcoolismo, ao sexo fácil e exacerbado, à violência extrema, física e verbal, principalmente nas relações afetivas entre homens e mulheres.

Outra questão curiosa refere-se ao fato da predominância de personagens negros – inclusive os principais – como oriundos de diversos países que compõem a América Latina, como Bolívia, Paraguai e República Dominicana, em relação aos personagens argentinos que, ou são brancos, ou têm suas características fenotípicas esmaecidas ou não citadas, como se só fosse possível se pensar a afrodescendência pelo viés da *alteriidade geográfica*. Há negros na Argentina, porém os mesmos só podem lá existir por causa da imigração de sujeitos nascidos em países vizinhos.

As observações mais panorâmicas do início das pesquisas neste campo já apontam para a presença dos discursos pós-coloniais e do mito de “Argentina branca” como linhas que ainda costuram as narrativas ficcionais, e não deixam de representar uma realidade discursiva ainda bastante problemática. O livro, objeto desta análise, apresenta dois pontos instigantes para serem investigados e, futuramente, desmembrados: primeiro, como os estereótipos são mantidos quase intocados, atravessando os tempos sem maiores problemas no campo literário; já em outro plano, há a discussão sobre o quanto foi exitosa a política de embranquecimento na Argentina, a ponto de os discursos oficiais e a literatura não contarem ou não fazerem existir os indivíduos afro-argentinos.

Certamente, dado o contexto geográfico para o qual a pesquisa se volta e dado o caráter inicial da pesquisa, outros pontos poderão ser acrescentados, posteriormente, às discussões e outras análises mais detalhadas serão expostas. Contudo, pesquisar as nuances diaspóricas para além da perspectiva brasileira de literatura e cultura, possibilita refletir sobre a vivência negra em territórios outros nos quais também se configurou a organização escravocrata, a qual, uma vez imposta e posteriormente diluída, determinou processos de subjugação negra sentidos até hoje.

## REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. **Los afroargentinos em Buenos Aires**. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1989.

CUCURTO, Washington. **Coisa de Negros**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRIGERIO, Alejandro. **Cultura Negra en el Cono Sur**: Representaciones en Conflicto. Buenos Aires: Universitas S. R. L., 2000.

FRIGERIO, Alejandro; LAMBORGHINI, Eva. Criando um movimento negro em um país “branco”: ativismo político e cultural afro na Argentina. In: **Afro-Ásia**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais – FFCH/UFBA, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARONESE, Leticia (comp.). **Buenos Aires Negra**: Identidad y cultura. Buenos Aires: Comisión para la preservación del patrimonio histórico y cultural de la ciudad de Buenos Aires, 2006.